

RESENHA 3

DUARTE, Regina Horta. **A biologia militante**: o Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1945. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

Rômulo José Francisco de Oliveira Júnior¹

OS RESULTADOS DE UM JARDIM

Definitivamente produzir textos que contribuam significativamente para a História do Brasil não precisam ser longos e cansativos para provar a competência de um autor(a). Essa competência é provada, pela historiadora mineira, Regina Horta Duarte, em seu livro intitulado **A Biologia Militante**. Em suas pesquisas atuais estuda a História do Brasil Império e República, com ênfase em análises sobre história da natureza e história da biologia. Suas principais produções são: **A Imagem Rebelde**, publicado pela Editora Pontes em 1991 e **Noites Circenses**: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX, publicado pela Editora da UNICAMP em 1995. Correspondem respectivamente aos seus trabalhos de conclusão do mestrado e do doutorado. Esta historiadora possui ainda uma série de publicações em revistas especializadas nacionais e internacionais na área das ciências humanas. Integrante do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG, pesquisadora de produtividade do CNPq, atualmente é professora titular de História do Brasil na UFMG e o livro que se resenha foi o resultado de anos de pesquisa e apresentado como tese do concurso para professora Titular na Universidade Federal de Minas Gerais.

O exercício intelectual da Regina Horta neste livro, certamente contribui para muitos cursos de graduação e pós-graduação em História e permite aos estudiosos da área aprender não apenas sobre o tema analisado, mas compreender procedimentos teórico-metodológicos do fazer histórico. No ano de 2011, Regina Horta apresentou a seguinte passagem em uma entrevista:

Um marco decisivo da minha passagem da infância à adolescência foi a derrubada do jardim de minha casa, em 1977. Apesar de absorvida pelas inquietações da puberdade, assisti com tristeza às obras que papai empreendeu para construir uma garagem. O jardim tinha sido meu lugar preferido. Menina excessivamente tímida, utilizei-o como ponto estratégico de observação da rua e do mundo exterior. Em segurança, pratiquei ali o exercício da curiosidade. Explorei o mundo subterrâneo das minhocas e formigas, colecionei joaninhas

¹ Doutorando em História pela UFPE. Integrante do GEHISC/UFRPE. E-mail: romulojunior7@hotmail.com

para depois libertá-las e aguardei beija-flores. Investiguei folhas e sementes, secando-as para marcar as páginas prediletas dos livros de Monteiro Lobato. Degustei hortelãs crescidas ao acaso e desenvolvi técnicas para a delicada construção de guirlandas de flores. Em cada manhã, construí meu mundo em um jardim.²

Este excerto compõe parte das lembranças de juventude da historiadora Regina Horta Duarte e foi publicado com o título de: *O mundo em um jardim*, em um breve texto no blog www.sergyovitro.blogspot.com. A partir desta passagem e da leitura do livro *A Biologia Militante*, da mesma autora, temos a certeza de que além de uma grande pesquisa em arquivos, a escrita da História é fruto de escolhas afetivas, do retornar a questões infantis como: constantes perguntas, busca de conhecimentos, curiosidades, ideia de criação; e do desejo de fazer História como uma aventura intelectual que resignifique nossas questões referentes à relação presente-passado por meio de narrativas plausíveis.

A *Biologia Militante* é um livro que apresenta uma escrita leve, sedutora, clara e muito competente da autora ao apresentar questões sobre história natural e história da biologia durante a primeira metade do século XX. Tendo a história do Museu Nacional como fio condutor o livro está distribuído em três capítulos e nos convida a entrar em contato com as ideias de três cientistas brasileiros, Edgar Roquette-Pinto (1884-1954), Alberto Sampaio (1881-1946) e Cândido de Mello Leitão (1886-1948). Ex-estudantes da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro eles iniciaram suas especialidades através da prática profissional dentro do próprio Museu. Ligados a área da biologia faziam de suas pesquisas ferramentas para a construção de uma identidade nacional. Tais cientistas trouxeram a noção de saber criativo e possuíam a esperança de que este tipo de conhecimento transformaria a sociedade brasileira, tornando-a mais consciente da importância de cuidar do meio ambiente.

No primeiro capítulo, “*A voz mais alta da biologia*”, a autora situa o leitor para compreender que desde o final do século XIX a ideia da natureza como patrimônio nacional era um tema importante, mas que era preciso o Brasil se afinar a esse debate, para estar aos moldes do que se pretendia ser um país sinônimo de civilidade. Partindo do anteprojeto do Código de Caça e Pesca de 1933, que objetivava controlar a destruição da fauna brasileira, decretado pelo governo no ano seguinte, cujo projeto não proibia a

² Regina Horta Duarte. **O mundo em um jardim**. In: <http://sergyovitro.blogspot.com/2011/03/o-mundo-em-um-jardim-regina-horta.html>. Acesso em 26.05.2011.

caça e a pesca, mas seria importante regulá-la e preservar o patrimônio flora-faunístico e de exemplos cotidianos como a moda que fazia uso da natureza, a caça, a exportação do couro e de animais exóticos, este capítulo cruza uma série de documentos como jornais, registros do Museu Nacional e tantas outras fontes para nos mostrar que os cientistas, biólogos, se identificavam como as pessoas adequadas a serem ouvidas pelo governo, com condições de guiar esse debate e como eles advogaram o papel de autoridade científica para serem consultores desse tema. A hipótese central deste capítulo era de que entre 1895-1930 a biologia tinha se afirmado enquanto saber importante, específico e diferenciado, que ganhou uma importância política e visibilidade de ciência mestre. Regina Horta prova essa hipótese a partir de quatro temas: a *eugenia nas primeiras décadas do século XX*, a *biomedicina*, a *entomologia* (médica e agrária) e o que ela chama de *a experiência de campo* (em que poderíamos chamar de pesquisas, para obter a noção da relação teoria e prática dos estudos)

No segundo capítulo, *A miniatura da Pátria*, a historiadora inicia discorrendo sobre um churrasco realizado na Quinta da Boa Vista-RJ por contingentes das forças gaúchas que visitavam a capital do Brasil. Edgar Roquette-Pinto, diretor do museu, convidou os soldados e os acomodou no Museu Nacional para assistir vídeos educativos sobre a natureza fauna-florística brasileira. Tal evento ganhou expressão para compreender como os biólogos articularam uma série de meios comunicativos para propagar a ideia de preservação da natureza do país. Rádio, cinema, jornais e a Revista Nacional de Educação foram os principais divulgadores dessa ideia e o Museu Nacional abriu as portas para aulas práticas com crianças e jovens, e para a visita a sala de exposições de antropologia, que se intensificou por parte do público em geral. Divulgar o conhecimento natural de todas as formas possíveis, ensinar as massas a ler e a escrever por meio de textos com consciência ambiental era a meta dos biólogos. Ao final deste capítulo Horta se debruça sobre a documentação da Coleção Brasileira³ e analisa as ideias dos três escritores publicadas em diversos livros que produziram cujo tema central versava sobre a biologia no Brasil.

No terceiro capítulo, *Como se fazia um biólogo*, esta pesquisadora nos apresenta a criação da Sociedade dos Amigos do Museu Nacional, que surge em detrimento do afastamento dos três estudiosos do museu e nos conduz a compreender a trajetória de Cândido de Mello Leitão, ao analisar esmeradamente as obras escritas por ele e como

³ A Coleção Brasileira foi inaugurada em 1931 por Fernando Azevedo, o projeto central era de “descobrir o Brasil aos brasileiros”.

sua produção foi significativa para a Biologia tornando-o reconhecido nacional e internacionalmente como um especialista em aracnídeos. O Museu Nacional perde força no fim da era Vargas enquanto instrumento constituidor de opinião pública e o discurso biológico da mesma forma se enfraquece. Não obstante, a Biologia passa a ser vista de maneira importante no cenário científico brasileiro e ganha espaço significativo nas universidades do país.

A leitura do livro citado é fundamental por ser um exemplo de trabalho bem escrito, fundamentado teoricamente e com fontes utilizadas de forma burilada. Deve ser lido para entender que o exercício interdisciplinar, lançado mão desde a *Escola dos Annales* é extremamente significativo para as pesquisas históricas. O texto nos mostra que a melhor referência teórica a ser aplicada na escrita depende dos documentos que escolhemos para cotejar as informações; é assim que Michel Foucault emerge diversas vezes na obra, principalmente quando fica notória a noção de que o sujeito está em construção com as relações que mantém, como é o caso dos biólogos analisados. O encontro com a obra da Regina Horta coloca o leitor na perspectiva de História enquanto conhecimento criador, que se faz diante das condições de possibilidades de cada pesquisa. Ao analisar racionalmente o papel do fazer científico na instituição das sociedades ao longo dos tempos ela busca se afastar do que Marc Bloch chamou de “satânico inimigo” da História: a mania de julgar. É possível ainda conhecer possibilidades do exercício prosopográfico e perceber que muitos temas podem ser edificadores da nacionalidade brasileira.